

Como calcular o mistério da urna

JEOVÁ FRANKLIN
Da Editoria de Política

Dirigentes e candidatos dos partidos políticos de Brasília estão utilizando, como nunca, a máquina de calcular como uma espécie de bola de cristal. Inventam fórmulas, receitas mágicas, equações cabalísticas para desvendar o futuro e antecipar as surpresas que todos temem das primeiras eleições representativas da história de Brasília.

O número que assusta muito a cada um deles é o coeficiente eleitoral, considealto, que deve situar-se em torno de 70 mil. Isso pode significar a inviabilidade para 90 por cento das agremiações políticas registradas no Tribunal Regional Eleitoral, pois além do PMDB, PFL, PDT e um dos três médios (PT, PDC e PTB) são escassas as possibilidades de um outro atingir aquela marca.

As eleições de Brasília devem ser as mais profissionais do País, segundo os observadores. E a decisão vai ficar no corpo a corpo com o eleitor do Plano Piloto, saturado de mensagens e de informações de quem tem o privilégio de conviver com a proximidade do poder. As duas asas e os dois lagos (Sul e Norte) é quem vai definir o rumo do

eleitorado excessivamente polarizado pelas cidades-satélites.

Paulo Xavier, que traz a experiência de eleições passadas no Nordeste (Paraíba), tem uma receita simples para dimensionar o sucesso ou não de um candidato ao Senado ou à Câmara dos Deputados, por Brasília:

Para chegar à Assembleia Constituinte, num total de 100, o dinheiro conta com o peso 30, ficando mais 30 com trabalho e organização, outros 30 com talento político e os dez restantes reservados para o imponderável, ou mais precisamente para o chamado fator sorte.

Embora cada candidato se negue a declarar quanto reservou de dinheiro para compor sua receita, os cálculos mais modestos situam o orçamento de uma campanha de propaganda individual em torno de 5 a 10 milhões de cruzeiros para um candidato bem estruturado nas cidades-satélites e um mínimo de 30 milhões de cruzados para quem postule seriamente a cadeira de Senador.

E isso porque muitos consideram que o fator de desequilíbrio, o eleitorado do Plano Piloto, o mais politizado do País, pouco sensível vai se mostrar para quem tem gorda conta bancária e pouca mensagem política.